

Defensivos

Novo fôlego

Evaristo M. Neves*
Luciano Rodrigues**

OS BONS ventos que sopraram principalmente a favor dos cereais, oleaginosas e fibras a partir de 2002, levaram a um crescimento na área plantada até 2004. Paralelamente, o faturamento da indústria de defensivos agrícolas no Brasil foi registrando aumentos significativos e dobrou de valor.

A partir de 2005, a história inverteu-se com a valorização do real, a seca em determinadas regiões, a inadimplência dos produtores e a queda nos preços internacionais de algumas *commodities* agrícolas. A área plantada encolheu e os setores do “antes da porteira” (defensivos agrícolas, fertilizantes e corretivos, máquinas agrícolas etc.) viram recuar suas vendas.

De acordo com a Câmara Temática de Insumos Agropecuários do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), em 2006, o mercado de defensivos agrícolas fechou com um faturamento de R\$ 8,380 bilhões. Uma queda de 16,7% em relação ao realizado em 2005. Todas as classes de defensivos apresentaram retração.

Segundo a Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef) as principais causas para a queda em 2006, entre outras, foram:

- Dificuldade financeira do produtor, com alto índice de inadimplência;
- Renegociação da dívida passada (cerca de R\$ 2 bilhões);
- Redução nos preços dos agroquímicos;
- Custos menores de importações (boa parte dos insumos é importada);
- Aumento da competitividade com o lançamento de novos genéricos;
- Estoques acumulados e menor adoção de insumos pelos produtores;
- Redução do uso de fungicidas no caso da ferrugem da soja.

Período da virada

Para 2007, a Andef espera algum sinal de recuperação que deverá repercutir em 2008, quando se espera novo fôlego na agricultura e bom crescimento na demanda e na venda de defensivos agrícolas. A expectativa é de recuperação em área plantada e firmeza nos preços internacionais de soja, milho e algodão. Essas culturas representaram quase dois terços do consumo de defensivos agrícolas. Para a cana-de-açúcar, café, citros e o setor florestal, as perspectivas seguem positivas.

No caso da soja e do milho, os preços internacionais já cresceram no final de 2006. Há maior demanda por área e produção de milho nos EUA, na busca de ampliação da produção de álcool proveniente do milho. O resultado é a uma redução na área com soja, em função do esgotamento da fronteira agrícola dos Estados Unidos.

Ademais, a proposta governamental do presidente Bush, apresentada em janeiro, de redução do uso de gasolina e de sua substituição pelo etanol em 20%, até 2017, provocará uma demanda adicional de 132 bilhões de litros. Isso favorecerá ainda mais a expansão da cana-de-açúcar no Brasil em áreas de pastagens. Cada

hectare plantado com cana é mais exigente em quantidade e volume de defensivos em comparação aos pastos.

Na citricultura, os preços atrativos no mercado mundial decorrem da queda drástica na oferta norte-americana, com seus pomares castigados por seguidos furacões na Flórida e a maior geadas dos últimos 39 anos nos pomares da Califórnia (fruta de mesa), com danos em cerca de 75% da produção.

A relação de troca entre a agricultura e os defensivos tende a melhorar por duas razões:

1. Com a evolução dos preços nos mercados internacionais e doméstico das principais *commodities* do agronegócio brasileiro;
2. Custos de produção sem pressão dos preços dos insumos.

Diante desse cenário, as perspectivas são de maior demanda por sementes, fertilizantes, defensivos, máquinas e equipamentos etc. em 2007, acrescidas do esperado aumento de área plantada, principalmente de soja, milho e cana-de-açúcar.

* Prof. Titular Esalq/USP.

E-mail: emneves@esalq.usp.br

** Eng. Agrônomo-Mestre em Economia Aplicada – Esalq/USP

Brasil: vendas de defensivos agrícolas

Classe	2005	2006	Varição
Herbicidas	4.113,9	3.572,3	-13,2%
Inseticidas	2.798,2	2.495,5	-10,8%
Fungicidas	2.582,2	1.902,5	-26,3%
Acaricidas	196,2	159,5	-18,7%
Outros	367,2	250,0	-32,0%
Total	10.057,7	8.379,8	-16,7%

Outros = antibrotantes, reguladores de crescimento, óleo mineral e espalhante adesivo.
Fonte: Câmara Temática de Insumos Agropecuários/MAPA